



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

## AS TRÊS TESOURAS

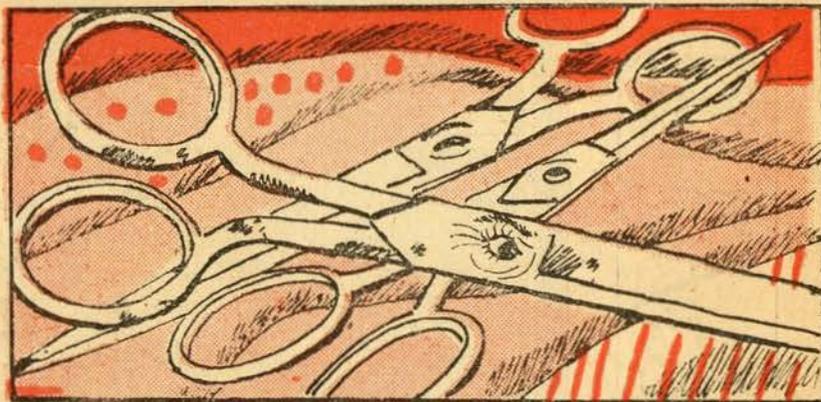
■ POR LAURA CHAVES ■  
DESENHOS DE A. CASTANÉ

**T**RÊS elegantes senhoras chamadas Donas Tesouras habitavam certa caixa. A mais velha era pernalta, a do meio, menos alta, e a mais novinha era baixa.

A velha estava cansada, já sem brilho e oxidada, — a vida fôra-lhe ingrata —. A segunda, assim... assim... A terceira — o benjamim — brilhava mais do que a prata.

Já se vê que era tolinha a bonita tesourinha. Defeitos da pouca idade. Nem chegava a ser defeito pois tinha ás manas respeito tratando-as com amizade.

Ora veio a suceder terem muito que fazer nessa casa, no Natal. Casacos para talhar, calcinhas para cortar, um trabalho bestial!



Dia e noite, corta, corta... Já sem fio e meia morta, a tesoura mais velhinha mastigava, mastigava, quasi nada ela cortava de cansaço, coitadinha.

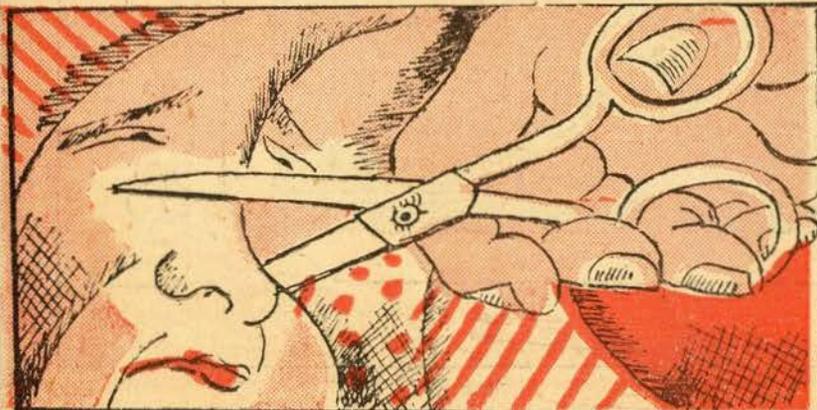
O pano, ao ver-se moído, resmungava, dolorido:  
— Ai, ai, ai, ai, quem me acode!

Tenham peninha de mim! Com este trabalho, assim, a velhota já não pode.

A mão, que estava magoada, largou a velha achacada pegando na mais pequena. E que bem ela cortava! Parecia que voava, mas, depois, foi uma cena!

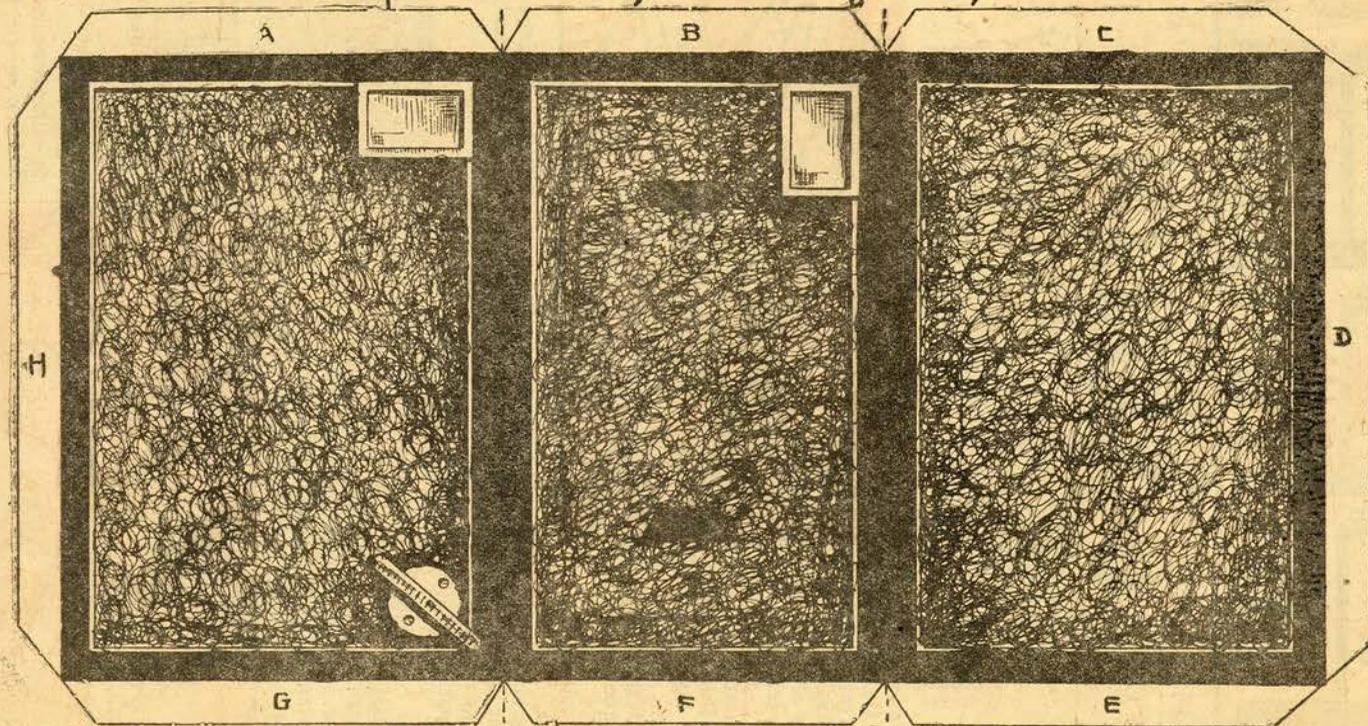
De novo o pano gritou:  
— Ai, ai, ai, que me matou! Esta ainda é pior rez! Deu lanhos, golpes a eito, sem mesmo olhar ao preceito, vejam o mal que me fez. —

Era uma desolação!  
O pano tinha razão de soltar tamanhos ais. As tesouras — que venenos —! se uma cortava de menos outra cortava de mais.



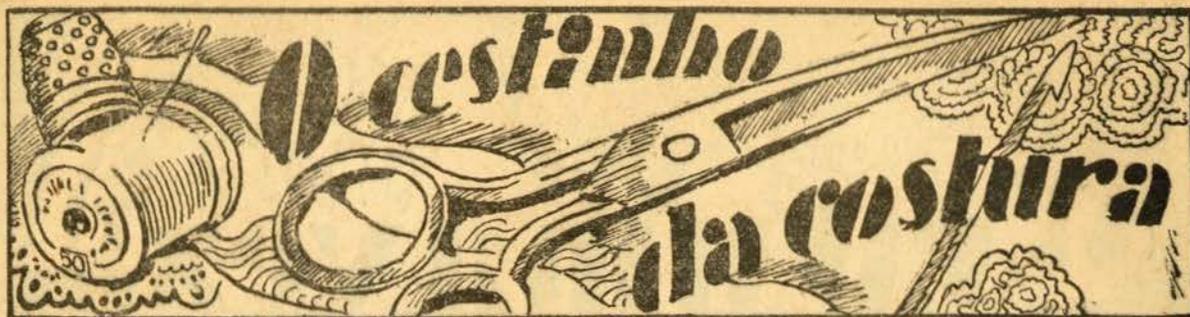
(Continua na página 3)

uma máquina fotografica. Dim.  
2cm.  
1cm.



por Antunes.

1ª folha.



## Querida Rosinha

**P**UBLICO, hoje, alguns desenhos que me pedes e neles encontrarás motivos, próprios e engraçados, para bordares a tua blusa de «sport».

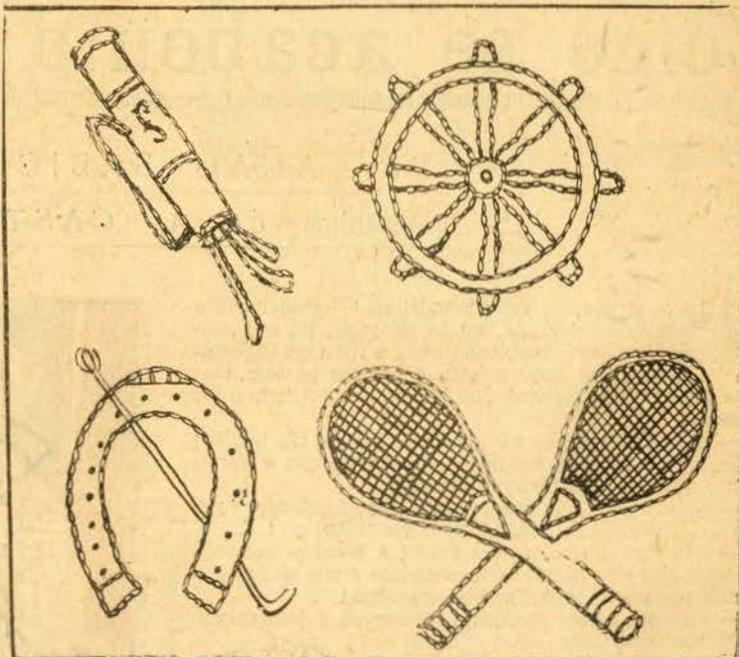
Agora, já o verão está quasi a findar mas guarda-os e, para o ano que vem, servem-te para applicares nos teus fatinhos de praia, produzindo um efeito muito gracioso.

Aplicas o ponto cadeia ou o ponto pé de flôr. Fazendo qualquer destes pontos, terás sempre o cuidado de empregar o «pé de flôr» para fazer as cordas da «raquette» e o «stick» que atravessa a ferradura, de modo que fique fininho e bem unido.

Não te indico as côres, porque elas hão-de ser applicadas segundo a côr do tecido em que fôrem bordadas, de modo a fazer um contraste que as destaque bem.

Abraça-te a

ABELHA MESTRA



*Tété Fonseca* — Só para a próxima vez poderei publicar o teu desenho.

*Rosalina* — Tenho muita pena de só tarde poder atender o teu pedido, mas tens ainda que

esperar mais duas publicações.

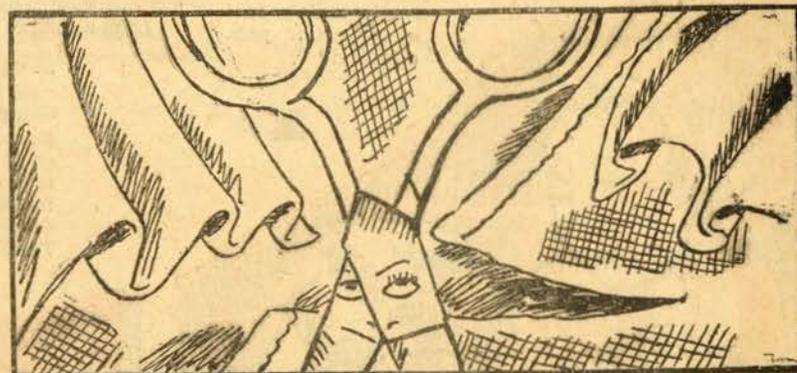
*Abelhinhas* — Nem todos os pedidos podem ser atendidos, tenham paciência e desculpem, mas é impossível ter espaço para responder a todas.

## As três tesouras

(Continuação da página 1)

Foi nesse momento, então, que a senhora dona mão largou a jovem tesoura. Pegou na de meia idade que, com grande actividade, pôs-se a andar por ali fóra.

E cortou tudo certinho sem ofender um fiosinho! Sob essa carícia amiga o pano, todo contente,



pôs-se a cantar brandamente esta tão sábia cantiga:

— É já coisa bem sabida mas gosto de a relembrar :

“que o meio termo na vida é o que mais custa a achar.”

■ ■ FIM ■ ■



# Como se acabou o casaquinho

Por ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTAÑÉ

**N**UNCA vi menina mais mandriona! — exclamava a mãe da Mariazinha, muito zangada. Há que tempos que esse casaquinho para o filho da engomadeira devia estar pronto e os dias passam, sem nada feito! Fique sabendo, hoje não sai daí, sem o ter acabado!

— O' mãisinha, hoje não, que está um dia tão bonito! Deixe-me antes ir para o jardim! — choramingou a Mariazinha, olhando para fóra da janela.

— Olhe, não vê os passarinhos que só brincam e pulam!... Esses, ao menos, não têm que trabalhar!...

— Não diga tolices, minha filha! A menina não sabe que são eles que fazem os seus ninhos e que alimentam os filhos pequeninos, à força de trabalho!

— Mas não fazem croché!... — tornou a Mariazinha numa voz lamentosa.

A mãe fez de conta que não a ouvia e, inabalável na sua resolução, deixou a pequena sózinha, com o trabalho nos joelhos.

Que triste tarde a Mariazinha ia passar, ali fechada!...

Lembrava-se dos peixinhos novos que tinham vindo para o lago e que tanto a divertiam, dos lindos pintainhos da galinha amarela e dos pintainhos tão engraçados que nadavam no tanque.

Aquêle casaquinho era um trabalho tão aborrecido!...

Mas precisava acabá-lo, senão nunca mais a mãe a deixava ir para o jardim!



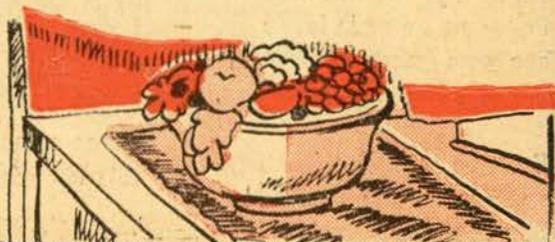
Pegou nêle, de muita má vontade...

Olhou para o novêlo que, caído no chão, rebolara para baixo da mesa... E ficou muito embasbacada por ver a pontinha dum carapuço encarnado a sair do novêlo.

— Ai! Ai! — gritou a Mariazinha, assustada. O que é que está dentro da lâ?

Logo a minha voz se ouviu:

— Não te assustes, nem barafustes com este Anão, Dom Sabichão, que está metido, muito encolhido, na tua lâ, desde manhã. Daqui não sai,



não dá um ai,  
sem tu teres pronto,  
todo esse ponto  
do trabalhinho,  
do casaquinho.  
Verás, então,  
como este Anão,

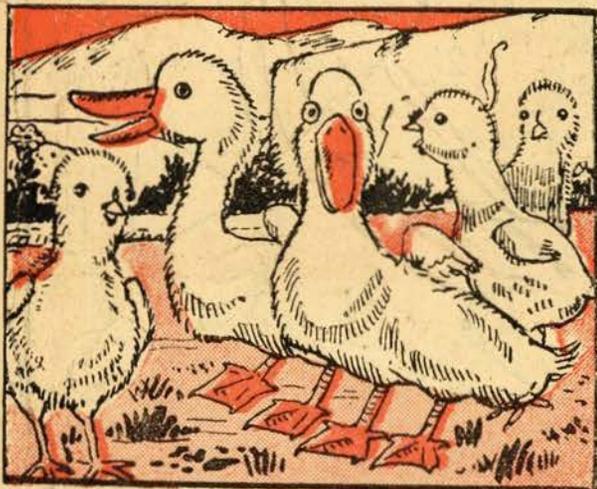
brinca contigo,  
é teu amigo!  
Mas é preciso,  
teres muito siso,  
porque, se fôres madriõna,  
com êle, vês uma fõna!

A Mariazinha agora parecia que tinha corda!  
Numa dobadoura, fazia andar a agulha do croché que  
corria vertiginosa!...

Ela já conhecia muito bem as histórias tão divertidas  
do Anão Sabichão que lia sempre no *Pim-Pam-Pum*.  
Mas tinha uma vontade doida de o ver!  
E êle estava ali dentro do seu novêlo!  
Nisto tornei a dizer-lhe:

— Que cousa mofina!  
Já viram que sina!  
Andar no novêlo,  
num tal pesadêlo,  
sempre a voltear,  
sem nunca parar!...  
E meti-me aqui,  
só por môr de ti!...

A pequena, ao ouvir-me, cada vez mexia mais depressa  
a agulha e ora olhava para o casaquinho que lhe ia cres-  
cendo nas mãos, ora olhava, muito interessada, para o  
novêlo, donde agora já saía todo o meu carapuço,



Quando ela acabou as mangas, fiz uma carantonha,  
e sorri-lhe, de entre a lã.

— Ainda falta um bocadinho,  
p'ra acabares o casaquinho!  
Não largues já o trabalho,  
porque, então, não rio e ralho!..

Ela viu-se obrigada a continuar a sua tarefa.  
As mãos corriam-lhe, num virote!...  
Daí a pouco, a minha voz fininha tornou:

— Para perderes o jeito,  
o grande defeito,  
de não fazeres nada,  
ando nesta alhada!...



E o meu corpinho que, para se meter no novêlo, se tor-  
nara do tamanho dum carço, foi aparecendo...

Muito depressa, a Mariazinha deu mais umas voltas  
à agulha, o novêlo também volteou no chão e as mangas  
do casaquinho ficaram prontas!

Já do meu verdadeiro tamanho, num pinote, puz-me  
sobre o parapeito da janela e gritei:

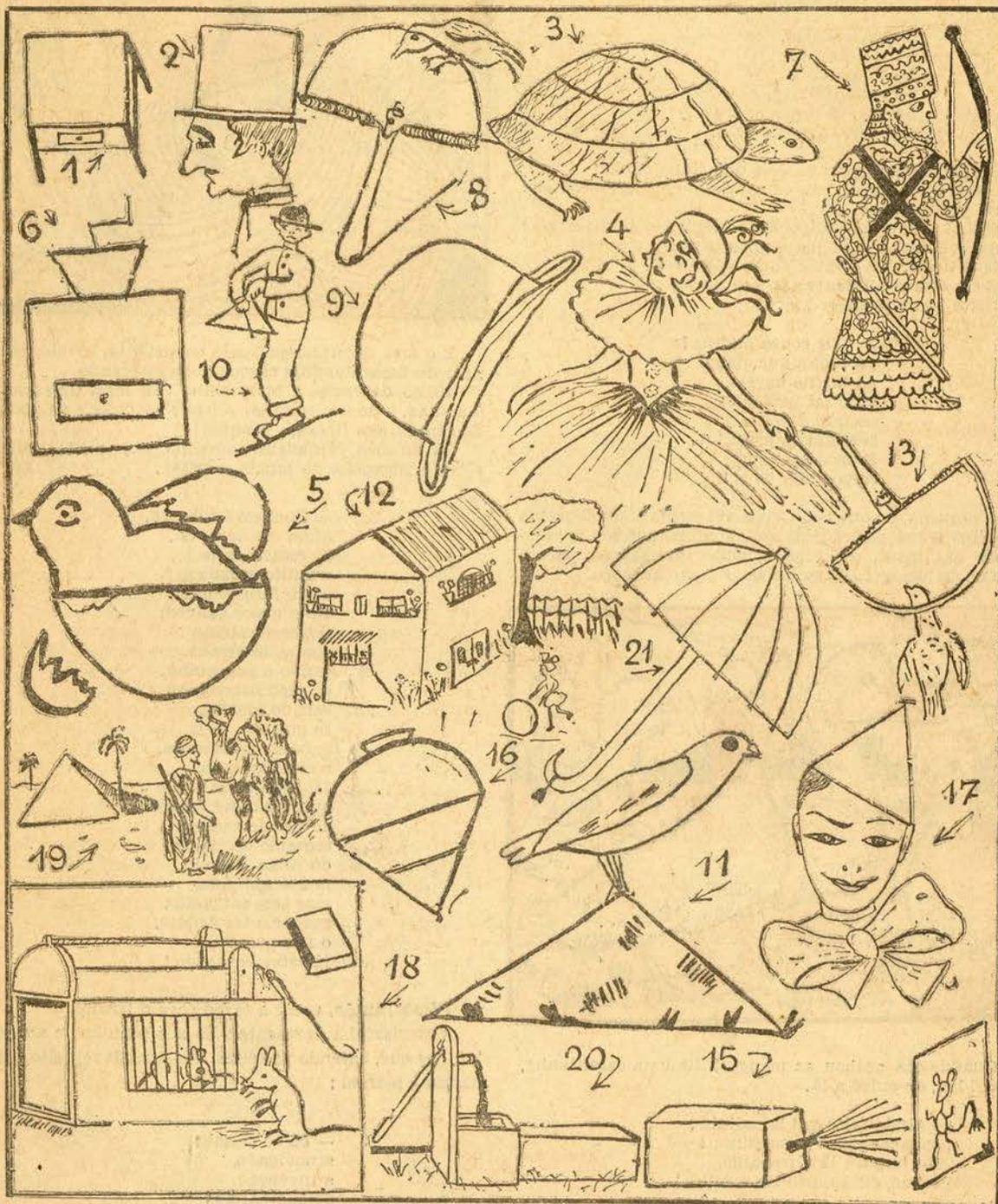
— Com esta bolanda,  
anda que desanda,  
já estava enjoado,  
e muito enfadado!  
Tudo foi por bem  
visto que o vai-vem  
fiz-te atarefada!  
Assim intrigada,  
vendo o pedacinho,  
do meu barretinho,  
saír do novêlo,  
tu quizeste vê-lo,  
e, então, apressada,  
e entusiasmada,  
tão bem trabalhaste  
que, em breve, chegaste  
ao fim do casaco,  
topando o velhaco  
do Anão, coitado,  
muito agoniado,  
mas bem satisfeito,  
porque o tal defeito,  
o feio pecado,  
já estava acabado!

Fômos, então, gozar a tarde para o jardim.

A Mariazinha apresentou-me aos patinhos e aos pin-  
taínhos que, batendo as asitas, em sinal de regosijo, gras-  
naram e piaram:

— Já cá se sabe  
a novidade,  
a invenção,  
do bom Anão!  
Não foi ralhando,  
foi só brincando,  
que conseguiu,  
num desafio,  
tornar briosa  
e caprichosa  
a amiguinha  
Mariazinha.

# O NOSSO CONCURSO DE BASE GEOMÉTRICA



1, João Rodrigues Valente; 2, Antonio Augusto da Silva Vieira; 3, Maria Augusta Martins da Silva; 4, M. Costa; 5, José da Silva Pacheco; 6, João Francisco Lemos; 7, Georgette Alves; 8, Faustino Ventura; 9, Manuel Anibal Guerreiro; 10, Mario da Rocha; 11, Edmundo da Silva Pimpão; 12, Manuela Botica da Graça; 13, Maria José Vieira Bessa; 14, Nuno Barros Basto; 15, Anibal Vieira de Sousa Porto; 16, Vitória Emilia da Trindade Cid; 17, Edmundo Pereira; 18, Julia de Vasconcelos e Silva; 19, Maria Amelia Pereira; 20, Cremilda da Veiga Cambeta.

Premiado em primeiro lugar: Eduardo Paiva Lemos, n.º 1 dos desenhos publicados no número anterior. Classificados com direito à publicação do retrato: Maria Germana Ribeiro, Augusto do Nascimento da Silva, Vitória Emilia da Trindade Cid.

Para evitar reclamações, prevenimos os concorrentes de que em vista de nos enviarem desenhos vários com a mesma ideia, depois de proceder a um sorteio entre eles, publicámos só um. Com os classificados também procedemos do mesmo modo, pois os desenhos são muitos e de idêntico valor.

# ADIVINHA PARA COLORIR



Onde está o caçador que persegue esta cabra dos Alpes?



## AS FESTAS DO «PIM-PAM-PUM»

NO GRANDE CASINO PENINSULAR DA  
— FIGUEIRA DA FOZ —



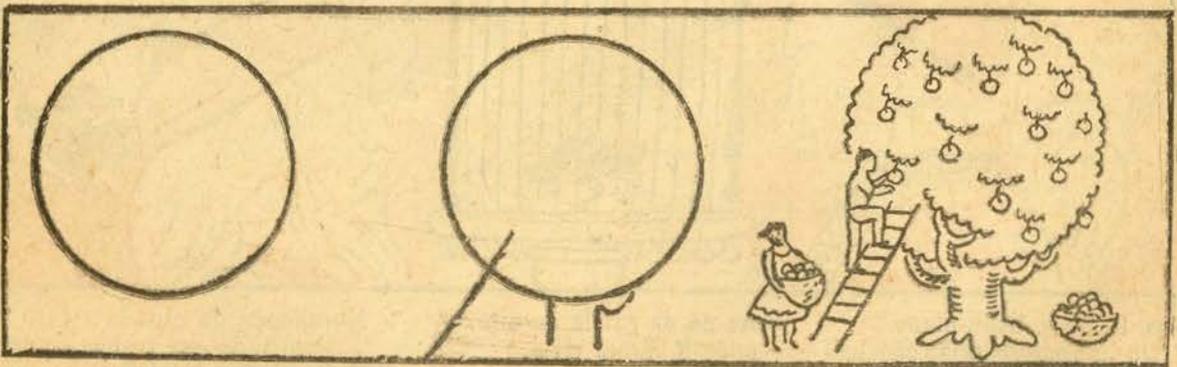
Realizou-se no passado dia 15, no Teatro Peninsular da Figueira da Foz, o primeiro festival infantil, organizado pelo nosso suplemento e pela direcção deste grande Casino, a qual decorreu no meio do maior entusiasmo e animação.

O elegante Teatro, cuja lotação é para mais de oitocentas pessoas, encheu-se completamente, apresentando um festivo aspecto.

O programa, que foi rigorosamente cumprido, entusiasmou os pequeninos espectadores, entre os quais foram sorteados muitos e valiosos brinquedos.

A próxima tarde infantil do «Pim-Pam-Pum» realiza-se, no mesmo Teatro, no dia 23. A senha-brinde que, mais uma vez, publicamos, habilita ao novo sorteio, que se fará a meio do espectáculo, trocada, esta, por uma senha numerada, na bilheteira do Teatro.

## L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha uma laranjeira

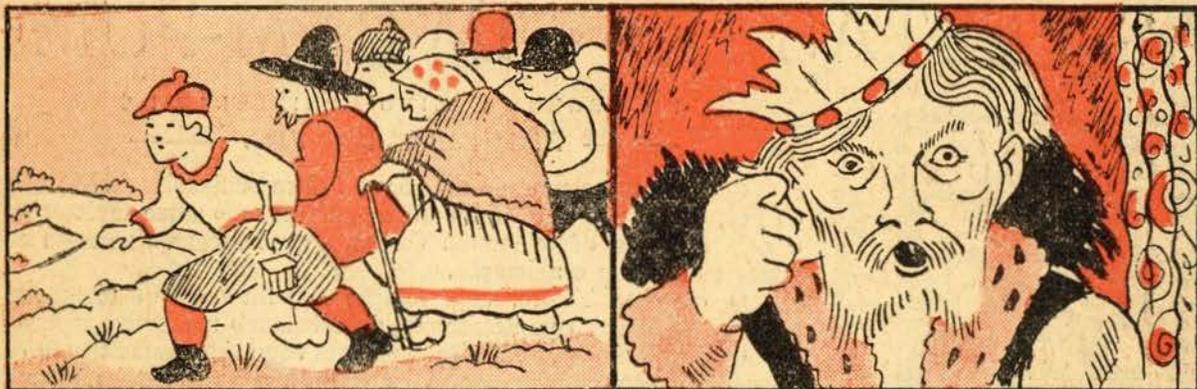
# As aparências iludem...

por CASTANÉ



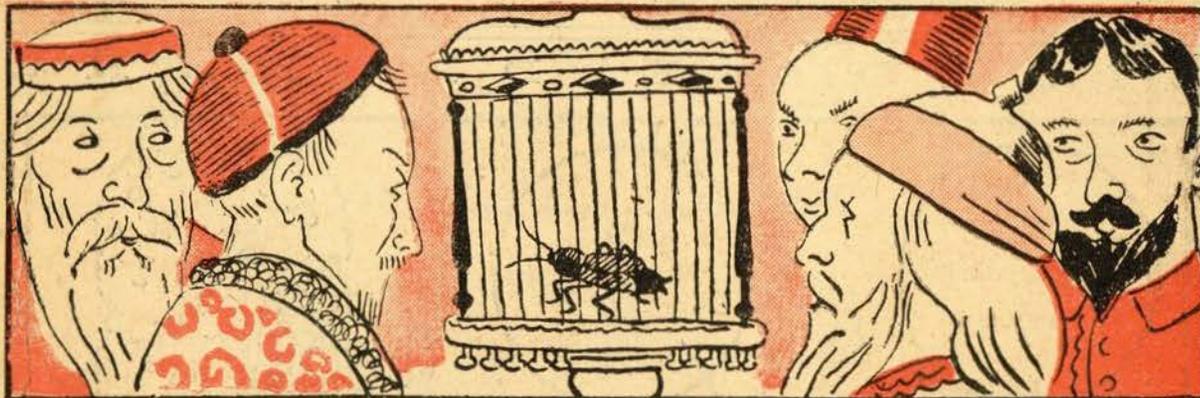
Num país, muito distante,  
viviam — (que vida ingrata) —  
num abandono constante,  
um grilinho e uma barata.

Lá se exterminara a raça  
dêses insectos caseiros...  
Não se vendiam na praça,  
nem se viam nos celeiros.



Entanto o rei da Nação,  
quiz um grilo em seu País,  
pois disse a Fada Ilusão  
que o tornaria feliz.

Bicho tão surpreendente,  
não era fácil caçar.  
Já o Rei, de impaciente,  
chegava a desesperar.



Mas, tendo-o, ficou ufano.  
-- (Oh, que *mascotte* tão chôcha!) --  
Pois lhe deram, por engano,  
em vez dum grilo, carocha...

Ao pé da gaiola de ouro,  
onde a barata vivia,  
os sábios, com ar calouro,  
pasmavam de noite e dia.

Moralidade do estilo:  
— Nem tudo que brilha é prata  
Muita gente lembra o grilo  
mas não passa de barata.